

“25 de abril de 1974 na mira de um militar no Ultramar...”

PREÂMBULO

A Revolução dos Cravos registou na memória de todos aquela manhã gloriosa que prometeu acabar com o elitismo e a ditadura em Portugal, dando aos portugueses a tão desejada liberdade e prosperidade. Além disso, relembra todas as famílias portuguesas que ansiavam o regresso dos seus familiares combatentes nas nossas antigas colónias ultramarinas. A Guerra em África, com início a 4 de fevereiro de 1961 e término a 25 de abril de 1974, ceifou a vida de mais de treze mil homens e deixou cerca de vinte mil portugueses inválidos que foram obrigados a embarcar em navios e aviões para as Províncias Ultramarinas localizadas no terceiro maior continente do Globo - África.

A Guerra desenvolveu-se em várias frentes (Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste), sendo a mais mortífera a da Guiné-Bissau. Para além do elevado número de baixas de militares portugueses, o conflito desfalcou, em milhões de escudos, os cofres da Metrópole.

A manhã de 26 de abril de 1974 acordou serena no Distrito de Chemba no interior de Moçambique. Nesse dia, o calor era insuportável e não havia uma única nuvem no céu. Acabara de regressar de uma patrulha, em plena alvorada, a uma base temporária que a companhia ocupara na noite anterior. Sentei-me junto ao lume com um camarada meu que me acompanhara no patrulhamento. No lume, encontrava-se uma panela cheia de ensopado para abastecer a companhia. Servi-me e sentei-me num tronco próximo da fogueira. O meu camarada sentou-se ao meu lado e perguntei-lhe se tinha recebido correspondência do continente. Lembro-me de ele acenar afirmativamente com a cabeça e mostrar umas cartas que tirara de dentro do casaco, mas com um ar que revelava algum desânimo. Perguntei-lhe o que se passava e ele desabafou:

- “Não as sei ler, mas a presença delas alimenta a esperança de voltar a casa.”

Ele era um dos inúmeros soldados que foram para África analfabetos... Ofereci-me para o ajudar, mas ele recusou, afirmando que queria que fosse o próprio autor das mesmas, o filho, a lê-las quando regressasse a casa. Até lá, punha-as no bolso superior esquerdo, no interior do casaco.

Naquela altura, muitos soldados agarravam-se à correspondência das famílias e a Deus como uma forma de suavizar a saudade e o medo de não voltarem à sua terra natal.

Entretanto, chegou um outro soldado que acendeu um cigarro e sentou-se num tronco em frente ao nosso do outro lado da fogueira. Perguntei-lhe pelo Malheiro, pois ainda não o tinha visto naquela manhã, e ele respondeu-me que tinha apanhado paludismo e estava no “hospital de campanha” da base, devido a uma forte indisposição. Os insetos eram, por vezes, os principais “inimigos” dos portugueses na guerra, pois transmitiam doenças como o paludismo ou a malária, uma autêntica praga...

Pouco tempo depois, o Sargento aproximou-se e mandou-nos preparar para uma missão de Construção de Aldeamentos a alguns quilómetros da nossa posição. Destacaram vinte soldados para ir nessa missão. O objetivo consistia em concentrar a população indígena em aldeamentos. Todos os que recusassem seriam considerados traidores à Pátria portuguesa e, posteriormente, perseguidos.

A meio da manhã, estava pronta a coluna militar destinada à missão constituída por quatro jipes.

A estrada de terra batida era tortuosa, mas os jipes circulavam sem grande dificuldade. A vegetação alta, densa e seca presente nas bermas do caminho impedia vislumbrar qualquer tipo de ameaça aos veículos.

Subitamente, um estrondo enorme vindo da vegetação ecoou no ar. Diversos tiros foram disparados do interior da vegetação em direção à coluna e ricocheteavam nas portas e nos tejadilhos dos jipes. Passados alguns segundos, a vegetação “calou-se” e a coluna pode avançar. Paramos num descampado, de vegetação rasa. No meu jipe, ouviam-se gemidos dolentes vindos da parte de trás. Um dos nossos camaradas havia sido atingido no ombro direito e foi socorrido, de imediato, por um soldado que exercia funções de médico da companhia. Nas proximidades, havia um rio onde eu e dois soldados fomos encher os cantis de água. Ainda me recordo de ver, na outra margem, dois elefantes colossais a beber água com as suas trombas imponentes. Voltámos para a coluna e, enfim, tivemos de regressar à base, devido a diversas avarias em dois dos jipes destacados.

Em Ultramar, para além dos mosquitos, o mato também era nosso inimigo. A vegetação escondia muitos perigos que podiam ser fatais aos portugueses: por exemplo, animais peçonhentos como cobras ou até pequenas aranhas que se escondiam por entre folhas e os galhos dos arbustos. O mato servia ainda como

esconderijo, onde os inimigos se escondiam para espiar ou atacar os acampamentos, as colunas militares e as patrulhas portuguesas.

A guerra do Ultramar era de subversão, em que não se sabia quem era o inimigo nem onde este se encontrava. Este podia atacar de dia, durante uma campanha ou até mesmo à noite.

Quando chegámos à base, pairava uma grande alegria no ar, ainda que esta fosse contida. Perguntei o que se passava a um soldado magricela que se abeirou de nós. Este informou-nos que tinha ocorrido um golpe militar na capital, no dia anterior, e que Marcello Caetano havia sido deposto do cargo de Presidente do Conselho.

A notícia de que o regime ditatorial de Marcello Caetano e de Américo Tomás havia caído, chegou alguns dias depois às diversas frentes de batalha.

A notícia não foi dada com euforia, devido ao ambiente militar e às dúvidas que existiam quanto à legitimidade da mesma. Após a confirmação da notícia de que a Revolução tinha sido um sucesso, diversas missões foram suspensas e até houve espaço para uma confraternização entre os dois lados do conflito, o que não ocorria há treze anos, desde o início do mesmo.

O General António de Spínola ficou incumbido de formar um novo governo, após Marcello Caetano colocar o cargo à disposição e só se render perante o próprio General. Rendido no Quartel do Carmo, Marcello Caetano foi conduzido para o aeroporto de Figo Maduro, numa Chaimite, sendo deportado para o Brasil.

O golpe de Estado havia sido preparado pelo MFA e chefiado pelos “Capitães de Abril”, oficiais do exército português que se encontravam revoltados com a Guerra do Ultramar e exigiam o fim do conflito. Estes viram as suas aspirações concretizadas, conforme o planeado, e restabelecida a liberdade em Portugal.

A Revolução não foi isenta de sangue, dado que ocorreu um tiroteio, envolvendo membros da DGS (Direção-Geral de Segurança).

O período que se seguiu à Revolução foi marcado por episódios de violência extrema e de medidas bastante polémicas por parte do PREC (Processo Revolucionário em Curso).

O 25 de abril será, assim, sempre recordado como “A Revolução dos Cravos”, onde um golpe de Estado restaurou a liberdade na “Ocidental Praia Lusitana”. Portanto, constitui um marco histórico que não deve ser nunca esquecido nem branqueado por aqueles que atentam contra as liberdades individuais e os direitos humanos.